



Comunicação de
Pesquisa

Estrabão

Vol. (4): 255-268

©Autores

DOI: 10.53455/re.v4i.153



Recebido em: 04/08/2023

Publicado em: 26/11/2023

Ensino de Geografia e as barreiras na inclusão escolar

Geography Teaching and the barriers in School Inclusion

Raimunda Aurilia Ferreira de Sousa^{1A}, Kalene Carla Ferreira Lopes

Resumo:

Contexto: O acesso à educação é um direito de todos, com leis que garantam o ingresso na escola regular. Apesar dos significativos avanços, diversas barreiras impedem que pessoas com deficiências (PcD) e com necessidades educacionais especiais (NEE), tenham equidade de oportunidades em seu processo de ensino aprendizagem. A Geografia é essencial nessa discussão, pois possibilita ao educando se reconhecer enquanto cidadão, que contribui e participa do espaço produzido em seu entorno, capaz de compreender os fenômenos locais através dos conceitos-chaves. **Metodologia:** A pesquisa tem uma abordagem qualitativa, cuja metodologia utilizada foi a observação da dinâmica escolar, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, onde foram entrevistados um professor de Geografia, e uma professora responsável pelo atendimento educacional especializado – AEE. **Considerações:** Essa pesquisa tem como objetivo geral investigar as barreiras existentes que impedem a efetivação da educação inclusiva para estudantes com deficiência em uma turma de 8ª ano, de uma escola pública de Assú RN; compreender como ocorre o ensino aprendizagem de Geografia para esses estudantes e analisar a importância das práticas inclusivas no rompimento dessas barreiras. Observamos que ainda existem inúmeras barreiras que impedem a efetivação da educação inclusiva. É preciso mais do que uma escola adaptada de forma física e arquitetônica, é necessário investir em pessoas, toda comunidade escolar, diretor, coordenador, professor, estudantes, funcionários em geral, precisam cumprir o seu papel enquanto cidadãos que respeitam as diferenças e a singularidade de cada um.

Palavra-Chave: Geografia inclusiva, barreiras educacionais, educação inclusiva

Abstract

Context: Access to education is a right for all, protected by laws that ensure enrollment in regular schools. Despite significant progress, numerous barriers hinder individuals with disabilities (PWD) and special educational needs (SEN) from having equitable opportunities in their learning process. Geography is crucial in this discussion, as it enables students to recognize themselves as citizens who contribute and engage with the space around them, understanding local phenomena through key concepts. **Methodology:** The research takes a qualitative approach, involving the observation of school dynamics, literature review, and field research, including interviews with a Geography teacher and a specialized educational assistance (SEA) teacher. **Considerations:** This research aims to investigate the existing barriers that hinder the effective implementation of inclusive education for students with disabilities in an 8th-grade class at a public school in Assú, RN. It seeks to comprehend how the teaching and learning of Geography occur for these students and analyze the importance of inclusive practices in breaking down these barriers. We have observed that numerous obstacles still prevent the full realization of inclusive education. It requires more than physically and architecturally adapted schools; it demands an investment in people. The entire school community, including directors, coordinators, teachers, students, and staff, must fulfill their roles as citizens who respect differences and individual uniqueness.

Keyword: Inclusive Geography, educational barriers, inclusive education

¹ - Professora adjunta do curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

A - Contato principal: raimundaaurilia@uern.br

Introdução

No processo da educação inclusiva ainda nos deparamos com inúmeras barreiras que dificultam ou impedem a acessibilidade dos educandos dentro do ambiente escolar. Quando pensamos em acessibilidade, não nos reportamos apenas a barreiras arquitetônicas ou físicas, como também comunicacionais, metodológicas, entre outras. A barreira atitudinal, porém, está relacionada com todas as outras, devendo ser a primeira a ser superada, pois é através da atitude que damos o primeiro passo em busca da mudança.

O acesso à educação é um direito de todos, com leis que garantam o ingresso na escola regular, apesar dos significativos avanços, diversas barreiras impedem que pessoas com deficiências (PcD) e com necessidades educacionais especiais (NEE), tenham equidade de oportunidades em seu processo de ensino aprendizagem.

A Geografia é essencial nessa discussão, pois “a criança ler o mundo muito antes de ler a palavra” Callai (2005, p.232). Desde o nascimento a criança interage com o espaço e seu lugar de vivência, ela aprende a reconhecer sua casa, sua rua, seu bairro, construindo e desenvolvendo seu raciocínio geográfico ao longo da vida.

A Geografia possibilita ao educando se reconhecer enquanto cidadão que contribui e participa do espaço produzido em seu entorno, capaz de compreender os fenômenos locais através dos conceitos-chaves. Custódio e Régis (2016, p. 259) destacam que “a ciência geográfica deve ser entendida como uma disciplina que busca trazer para a sala de aula as expectativas e as experiências dos alunos, procurando reconhecer a diversidade do mundo e a realidade que nos cerca.”

Ao estudar Geografia, o estudante passa a ter uma maior percepção da sociedade onde está inserido, onde ele poderá desenvolver sua autonomia e se reconhecer como sujeito único capaz de aprender. O professor de Geografia é um mediador nesse processo, através de práticas inclusivas que colaborem para a eliminação das barreiras na educação escolar.

Diante disso, apresentamos os seguintes questionamentos: quais barreiras impedem que as escolas sejam de fato inclusivas e garantam o direito dos estudantes com deficiência e com necessidades educacionais especiais? Como ocorre o ensino de Geografia na perspectiva inclusiva? Os professores têm buscado adaptar-se para garantir que os estudantes tenham a mesma oportunidade no desenvolvimento de suas aprendizagens?

Essa pesquisa tem como objetivo geral investigar as barreiras existentes que impedem a efetivação da educação inclusiva para estudantes com deficiência em uma turma de 8ª ano, de uma escola pública de Assú RN; compreender como ocorre o ensino/aprendizagem de Geografia para esses estudantes e analisar a importância das práticas inclusivas no rompimento dessas barreiras. Entendemos que o debate no campo da Geografia sobre a educação inclusiva, fortalece e possibilita maiores referenciais teórico-metodológicos para práticas pedagógicas eficientes nessa temática.

As barreiras na inclusão escolar

A definição de “Barreira” contida na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, a coloca como um bloqueio, seja ele físico ou atitudinal, que dificulte ou impossibilite os sujeitos de conviverem em sociedade com plenos direitos garantidos e acesso a todos os espaços, acesso à informação, comunicação, a circulação com segurança, enfim, essas barreiras são obstáculos que impedem que todos os sujeitos tenham acesso a oportunidades de maneira equitativa.

Segundo o Estatuto da Pessoa com Deficiência, há seis tipos de barreiras: urbanísticas; arquitetônicas; barreiras presentes nos meios de transportes; de comunicação e informação; as atitudinais, que dizem respeito a atitudes e comportamentos; e as barreiras que dificultam ou impedem o acesso da pessoa com deficiência às tecnologias (Brasil, 2015).

Ainda são muitos os desafios da educação inclusiva na comunidade escolar. Nesse sentido, Nuernberg e Gesser, (2016, p.14) identificam algumas barreiras no processo inclusivo dentro do ambiente escolar, tais como as “barreiras arquitetônicas, barreiras comunicacionais e informacionais, barreiras metodológicas e pedagógicas, barreiras instrumentais e barreiras atitudinais – e sua relação com as políticas constitutivas da relação deficiência-sociedade”.

Segundo Foggetti (2022):

- **As barreiras arquitetônicas ou físicas** são bloqueios estruturais que impedem sujeitos de circularem com autonomia nos espaços físicos de determinado lugar. Quando pensamos nesse tipo de barreira dentro da escola logo nos remetemos a estrutura do prédio, a rampa, a calçada, banheiros adaptados, degraus, escada, corrimãos, etc., também diz respeito a recursos e equipamentos que promovam a acessibilidade. Geralmente são os mais fáceis de serem identificados, pois são visualizados cotidianamente;
- **Barreiras comunicacionais ou informacionais** são obstáculos que impedem a comunicação ou a transmissão e recepção de informações, por exemplo, a falta de noções básicas da língua brasileira de sinais (LIBRAS), somadas a falta de um intérprete, dificultando a troca entre sujeitos com deficiência auditiva;
- **A falta de conhecimento do sistema braile**, que dificultam a acessibilidade de estudantes com deficiência visual, comunicados impressos em letras pequenas que dificulta a compreensão, etc. A libras, o braile, a oralidade clara e pontual são ferramentas muito importantes. Quanto maior os desafios na comunicação, mais barreiras o estudante encontrará em seu processo inclusivo;
- **Barreiras pedagógicas e metodológicas** acontece a exemplo, quando o professor planeja e ministra sua aula sem considerar as limitações ou deficiência do estudante, utilizando de metodologias excludentes, que impossibilitam o acompanhamento da aula, e/ou de avaliações que não contemplam as diferenças;
- **Barreiras instrumentais** diz respeito as ferramentas utilizadas na escola, relacionada a barreira citada anteriormente. São exemplos a falta de tecnologias assistivas, leitores, aplicativos e softwares que contribuem para a compreensão de conteúdos e atividades, etc.

Segundo a lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 do Estatuto da Pessoa com Deficiência, barreiras atitudinais são: “atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas”. São exemplos atitudes ou comportamentos que remetam a preconceitos do tipo capacitistas, de subjugar, subestimar, inferiorizar ou exaltar a pessoa com deficiência.

Lima e Tavares (2007) identificaram e classificaram 22 atitudes e comportamentos que correspondem a barreiras na educação inclusiva, como:

22 Barreiras atitudinais identificadas no contexto escolar		
1.	Ignorância	Desacreditar da capacidade de aprendizagem do alunado não reconhecendo suas potencialidades.
2.	Medo	Receio de interagir com alunos (as) com deficiência, temendo cometer algum erro, seja na comunicação ou através de outra ação que machuque ou cause danos a alunos (as) com deficiência.
3.	Rejeição	Recusa em se relacionar com alunos (as) com deficiência.
4.	Percepção de menos-valia	Acreditar que o aluno (a) com deficiência não é capaz de aprender, inferiorizar as ações por ele (a) desenvolvidas.
5.	Inferioridade	Acreditar que alunos (as) com deficiência ficará atrasado em relação aos demais pois não conseguem acompanhar a turma, o que é um equívoco pois cada estudante aprende no seu ritmo.
6.	Piedade	Sentimento de pena, alunos (as) com deficiência são vistos como coitadinhos que precisam de ajuda para realizar suas tarefas.
7.	Adoração do herói	Supervalorização exagerada do aluno (a) com deficiência, ao desenvolver alguma atividade esse aluno (a) é exaltado, pois dele (a) se espera algo inferior.
8.	Exaltação do modelo	O estudante com deficiência é visto como referência de superação, persistência e coragem, sua trajetória é romantizada.

9.	Percepção de incapacidade intelectual impedir	Dificultar ou negar a matrícula de alunos (as) com deficiência intelectual, por considerá-los um fardo para a turma, atrapalhando o desenvolvimento da mesma.
10.	Efeito de propagação (ou expansão)	Achar que determinada deficiência de um aluno (a), afete negativamente outros sentidos, habilidades ou traços de sua personalidade.
11.	Estereótipos	Prever um padrão para grupos de alunos (as) com a mesma deficiência, criando generalizações positivas e/ou negativas para com esses alunos.
12.	Compensação	Promover regalias, vantagens a alunos (as) com deficiência como forma de compensá-lo.
13.	Negação	Não levar em consideração a deficiência do aluno.
14.	Substantivação da deficiência	Refere-se a identificação do (a) aluno (a) por sua deficiência. Ex. o “cego”, o “perneta”, etc., como se a parte “faltante” fosse o todo.
15.	Comparação	Comparar alunos (as) com e sem deficiência, subjugando o aluno (a) com deficiência inferior ao sem deficiência.
16.	Atitude de segregação	Acreditar que alunos (as) com deficiência deveriam frequentar apenas escolas especiais, pois são incapazes de acompanhar o ensino regular.
17.	Adjetivação	Rotular de maneira pejorativa alunos (as) com deficiência, classificando-os como “lentos”, “alunos-problemas”, etc.
18.	Particularização	Restringir a maneira como o educando aprende.
19.	Baixa expectativa	Acreditar que alunos (as) com deficiência não conseguem realizar determinadas atividades, exigindo do mesmo o mínimo no processo de aprendizagem.
20.	Generalização	Acreditar que alunos (as) com deficiências em comum, possuem as mesmas características com relação a aprendizagem, sejam elas negativas ou positivas.
21.	Padronização	Agrupar alunos com deficiência, integrados ao ambiente escolar, desenvolvendo atividades simples que não desenvolve suas potencialidades.
22.	Assistencialismo e superproteção	Superproteger, impedindo que alunos (as) com deficiência desenvolva sua autonomia quanto a aprendizagem por medo do fracasso ou frustração.

Quadro 1: Classificação das Barreiras Atitudinais.

Fonte: Lima e Tavares (2008)

Sobre o rompimento dessas barreiras, Nuernberg e Gesser (2016) consideram que:

O rompimento das barreiras atitudinais para inclusão de alunos com deficiência passa pela transformação de princípios mais fundamentais que pautam nossas formas de conviver e estabelecer as trocas sociais. Muito mais do que um ato de um grupo hegemônico sobre uma minoria, a inclusão é um princípio ético e político de valorização das diferenças que se sustenta na perspectiva de direitos humanos. Entendida dessa forma, a inclusão escolar passa a ser um fundamento do cotidiano escolar, e não algo paralelo e que tangencia a corrente principal da cultura pedagógica da escola. (NUERNBERG; GESSER, 2016, p.25).

Essas barreiras precisam ser vencidas, para que todos os estudantes com ou sem deficiência sejam alcançados e consigam vivenciar a comunidade escolar, através do seu reconhecimento enquanto sujeito hábil a aprender, a partir de estratégias e práticas pedagógicas que incluam esse estudante na sala de aula, considerando a diversidade e a singularidade de cada um.

Segundo Lima (2007), a educação inclusiva só será concretizada quando, cada sujeito fizer uma autorreflexão sobre si mesmo, sobre suas atitudes e comportamentos, pois as barreiras que estão enraizadas em nossas mentes e corações que acabam sendo nutridas ao longo do tempo, ao viajar pela estrada da inclusão precisamos reconhecer esses obstáculos para erradicá-los.

O (a) professor (a) é um dos atores principais no desenvolvimento do processo de inclusão, no entanto,

Carvalho-Freitas et al. (2015) identificam como principal barreira o despreparo docente, tendo em vista que não tiveram uma formação voltada para atender estudantes com necessidades educacionais especiais.

Metodologia

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, cuja metodologia utilizada foi a observação da dinâmica escolar, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. No que diz respeito a pesquisa bibliográfica, Marconi e Lakatos (2003) asseguram que antes de ir ao campo, é necessário buscar informações na literatura, nos trabalhos publicados, pois eles são importantes fontes de conhecimento e fornecem tanto dados históricos, quanto atuais. Só então é que devemos ir ao campo, confrontar a teoria com a prática e os fenômenos que ocorrem de maneira real.

Buscamos investigar como ocorre o ensino aprendizagem de Geografia na perspectiva inclusiva e as barreiras existentes nesse processo para estudantes com deficiência em uma turma de 8^a ano, de uma escola pública de Assú - RN. Foram entrevistados dois profissionais, sendo eles: 1 professor de Geografia, com formação nessa área de atuação, trabalhando há 5 anos na escola, e 1 professora responsável pelo atendimento educacional especializado - AEE, com 10 anos de atuação.

A entrevista ocorreu no final do ano letivo de 2022 e a escolha dos entrevistados se justifica pela relação direta que eles mantêm com o processo de ensino aprendizagem do estudante com deficiência, sendo eles responsáveis pelas adaptações realizadas na sala de aula regular e no contexto escolar mais amplo. Para discussão e análise dos dados optamos pelo anonimato, onde chamaremos o Professor de Geografia de PG e a Professora do Atendimento Educacional Especializado de PAEE.

Resultados e discussões

A formação inicial de professores de Geografia em Assú-RN ainda não contempla o paradigma da educação, tendo apenas a exceção de uma disciplina ofertada com conhecimentos básicos da Língua Brasileira de Sinais - Libras no que diz respeito à acessibilidade da pessoa surda. Durante a entrevista o Professor de Geografia PG nos informou que não teve nenhuma formação voltada para a educação inclusiva, e que saiu da graduação para atuar em sala de aula sentindo-se despreparado, mas que busca se adaptar a esse processo.

Nesse contexto, os professores ficam sem nenhum conhecimento ou referência a respeito das demais deficiências e também quanto a questão da diversidade que irão encontrar na sala de aula. Os futuros professores não estão adquirindo saberes inclusivos nessa formação inicial, o que acaba gerando muitas incertezas presentes no cotidiano do exercício da docência, implicando diretamente na ausência de uma inclusão escolar em seu sentido mais amplo.

Em contraponto a essa condição, não podemos nos pautar nesse fato do despreparo docente, pois, nem mesmo os pais estão preparados para lidar com filhos com deficiência. É na convivência com a criança que os pais vão aprendendo e deixando de lado suas crenças na busca pelo melhor desenvolvimento de seus filhos.

Dessa maneira, mesmo o professor não estando inicialmente preparado para lidar com alguma deficiência específica, deve estar disposto a buscar essa condição durante o processo, se especializando, modificando suas estratégias de ensino, ultrapassando barreiras para romper com as práticas excludentes, conforme nos lembra Santiago (2021).

É importante pesquisar novos caminhos para melhor atender o seu alunado, entendendo que diante das diversidades das diferenças humanas, o seu papel social é exercer a docência a todos os estudantes que estão matriculados em sua sala de aula, garantindo acesso ao ensino aprendizagem de maneira efetiva (MELO e SAMPAIO 2007).

Conversamos com os professores acerca das barreiras arquitetônicas, comunicacionais e informacionais, metodológicas e pedagógicas, barreiras instrumentais e barreiras atitudinais discutidas pelos autores Nuernberg e Gesser (2016), e perguntamos se eles identificam algumas dessas barreiras na escola. As demais respostas estão organizadas no quadro a seguir:

Classificação	Perspectiva dos professores
Barreiras arquitetônicas	<p>[...] aqui na escola nós não temos essa barreira arquitetônica, a escola é toda adaptada, tem plataforma, para os alunos que tiverem alguma deficiência subir para primeiro andar, os banheiros também são adaptados, tem aquele botão de pânico, para casos de fobia ou crises de ansiedade por exemplo” (PG).</p> <p>[...] e tratando especificamente das barreiras arquitetônicas, antes da reforma haviam essas barreiras mesmo, mas pelo fato da escola ter passado por uma reforma, então isso já foi contemplado hoje o aluno tem acesso à escola, com vários espaços que permitem esse acesso. (PAEE)</p>
Barreiras comunicacionais e informacionais	<p>[...] nós temos em sala de aula as professoras de apoio, que criam um vínculo com os alunos, elas estão ali sentadas próximas deles repassando as informações. (PG)</p> <p>[...] as barreiras comunicacionais e informacionais não temos, as informações chegam até o aluno, quando temos alguma informação que é necessário chegar ao aluno por ser importante para ele e o professor percebe que a sua deficiência impede dele compreender uma informação que ele precise levar até a sua família, a escola faz o contato direto com a família. Nunca eles deixaram de participar de nenhum evento nenhuma atividade por causa de uma barreira arquitetônica ou informacional. (PAEE)</p>
Barreiras metodológicas e pedagógicas	<p>[...] a pedagógica não temos, né? A gente tem as professoras de apoio e a que trabalha com AEE, Já para atender esse público. (PG)</p> <p>[...]a gente percebe, infelizmente, que há alguns docentes que ainda não são tão flexíveis para com a escolha das suas metodologias, precisa ainda haver um trabalho, uma conscientização mais profunda em relação a isso, eles têm um certo olhar e uma certa preocupação em incluir seu aluno na sala de aula, mas a gente percebe que o professor pensa numa metodologia muito baseado na maioria, e na sua maioria são alunos sem deficiência. Nós já tivemos algumas conversas nas reuniões que a gente sugere ao professor pensar na sua metodologia não apenas para contemplar os alunos com deficiência e esquecer o outro, você pensa numa metodologia que vá favorecer aos dois grupos, então você não precisa ter trabalho duplo ou pensar em elencar metodologias que venham ajudar ao seu aluno, ou seja, o professor diz “ah meu tempo é curto, eu ainda vou ter que parar para pensar uma metodologia pra um grupo com deficiência e outro grupo sem?”, eu disse: não, basta você pensar em uma metodologia inclusiva que vá favorecer aos dois, um único material, uma sequência didática que você vai estabelecer pensando esses dois grupos. Mas a gente tem, infelizmente, é um processo né? É preciso desconstruir ainda velhas concepções e velhos estímulos de que os alunos não são capazes de aprender. (PAEE)</p>
Barreiras instrumentais	<p>[...] o que eu vejo em relação a essas barreiras aqui são os instrumentos que o professor utiliza dentro da sala de aula para ministrar, a gente questiona, já promovemos algumas reflexões junto aos demais docentes de que as avaliações elas precisam ser diversificadas, adaptadas, pensadas no seu aluno com deficiência, porque um aluno com deficiência intelectual por exemplo não tem condições de absorver um conteúdo extenso, então a gente orienta o professor a pensar, a colocar mais imagens para facilitar a compreensão, reduzir o conteúdo de maneira que não venha a se perder nada, mas que torne ele mais acessível ao seu aluno com deficiência. A gente ainda recebe reclamações, queixas até de alguns pais né? Ainda tem professores que tem disciplinas que estão muito atreladas a ministrar conteúdos muito extensos, textos longos. Uma compreensão que está muito além da capacidade professor- aluno atualmente, mas a gente também tem professores que se preocupam com seu aluno, que buscam ajuda, até os professores auxiliares que estão em sala de aula percebem que os instrumentos que os professores utilizam precisam melhorar. (PAEE)</p>

Barreiras atitudinais	<p>[...] acontecem casos de bullying, né? Com alguns, aqui já teve caso de a gente ter que numa turma específica fazer um trabalho com eles, com relação a questão do bullying, como eu estava dizendo alguns deles não aceitam, não entendem e não ligam para a necessidade específica do colega, querendo que aquele aluno com deficiência se comporte e tenha o mesmo atendimento que os demais. A gente vê assim, mas a questão do próprio preconceito que é cultural, né? Isso aí existe muito e trava muito, atrapalha muito o aluno, né? Eu tive uma experiência de uma menina com QI que chegou para mim para dizer que tinha vergonha do problema dela, porque ela sente que as vezes o coleguinha olha torto ou então não liga muito para o que ela diz, né? Destrata, não leva a sério o que ela fala por achar que uma pessoa com deficiência não sabe nem o que está dizendo e eles sentem, né? (PG)</p> <p>Essas barreiras acontecem com relação aos alunos. Os alunos ainda têm muitas atitudes discriminatórias, preconceituosas para com esse público da educação especial, tem aqueles que apontam “ele não aprende porque tem problema mental”, “ah é um doidinho”. Nós não percebemos essas barreiras cometidas pelos funcionários, a gestão é muito acolhedora, muito sensível com relação a esses alunos, a gente só precisa melhorar e desenvolver um trabalho mais intenso. Eu acredito também que só na escola não se resolve, vem muito de casa, da família, do modo como esses alunos foram instruídos a lidar com pessoas que tem deficiência, mas é um desafio. (PAEE)</p>
-----------------------	---

Quadro 2: Relato dos professores sobre as barreiras identificadas na escola

Fonte: as autoras (2023)

Conforme exposto acima, na escola campo da pesquisa, a barreira arquitetônica foi superada, após passar por uma reforma, a escola foi toda adaptada para atender a todos os estudantes na perspectiva inclusiva. No que diz respeito às barreiras comunicacionais e informacionais, os professores não reconhecem essa barreira, no entanto ao longo da entrevista o Professor de Geografia relata sua experiência com um aluno surdo e o desafio da comunicação enfrentado durante as aulas, por falta de um intérprete de libras, o que se configura uma barreira.

Sobre as barreiras metodológicas e pedagógicas as respostas dos professores divergem, percebemos que o PG coloca a responsabilidade da inclusão na professora de apoio e na PAEE, sendo responsabilidade dele adequar, adaptar e flexibilizar o currículo para atender a estudantes com necessidades educacionais especiais - NEE.

Melo e Sampaio (2007) coloca que, cabe ao professor de Geografia, durante a sua prática em sala de aula potencializar o desenvolvimento das aprendizagens de seus estudantes, utilizando as mais variadas formas e expressões, para alcançá-los se faz necessário socializar e diagnosticar como esses estudantes compreendem e se sentem em relação à escola e ao seu espaço de vivência.

A PAEE contextualiza sobre a negligência de alguns professores quanto a importância da adaptação para atender aos estudantes com necessidades educacionais especiais – NEE. Percebemos como essa barreira está intimamente relacionada com a atitudinal. É necessário que o professor como também toda comunidade escolar em geral considere a importância de realizar adequações, adaptações e ajustes junto as necessidades educacionais do educando, visando potencializar suas habilidades e competências. Segundo Silva (2022, p.61):

Tanto o **ajustamento** quanto as **adaptações curriculares** não devem somente dizer respeito à planificação das unidades das tarefas (objetivos, conteúdos, estratégias, produção de materiais didáticos e avaliação), mas devem também considerar um conjunto de técnicas de ensino, como por exemplo, a colaboração e todos os métodos que priorizam os estilos de aprendizagem dos alunos e as tecnologias da informação e da comunicação.

Cada estudante é único e aprende à sua maneira, alguns a depender de sua deficiência comprovada por laudo médico necessitam de um segundo professor auxiliar em sala de aula, cabe aos professores conhecerem o seu alunado, fazendo um diagnóstico prévio e a partir de aí encontrar a melhor metodologia para alcançar esse estudante.

Nesse sentido Carrieri e Garcia (2016) destacam que, a avaliação diagnóstica, nos auxilia quanto as

informações referentes às características de cada estudante, dessa forma é possível perceber as limitações e fragilidades presentes no ensino aprendizagem de cada um, e fazer um planejamento educacional respeitando as particularidades individuais. Essas informações são imprescindíveis na escolha da melhor metodologia e intervenção pedagógica, sendo possível construir um caminho rumo ao desenvolvimento de suas potencialidades.

Conforme citado acima, o diagnóstico é uma ferramenta importante, pois contém informações das características e especificidades individuais do estudante, porém esse diagnóstico não pode ser utilizado como forma de discriminação para rotular esse aluno como se ele estivesse condenado a carregar esse rótulo, mas para que o professor consiga desenvolver suas potencialidades.

Com relação as barreiras atitudinais, percebemos que elas acontecem de forma velada por parte dos professores, quando esses se negam a adaptar e variar os instrumentos avaliativos. Essa barreira fica mais evidente nos relatos sobre os colegas em sala de aula, na prática do bullying, preconceito e discriminação.

Perguntamos aos professores como eles lidam ao presenciar situações de discriminação e preconceito por parte dos estudantes com relação ao seu colega com deficiência. Destacamos o seguinte questionamento: quais ações são adotadas para romper com essas atitudes?

[...] aí houve o quê? Um trabalho, mais uma questão de conscientização, né? Com a sala e especificamente com o grupinho que estava agindo dessa maneira, foi passado o filme O extraordinário para promover a conscientização do respeito as diferenças. O que aconteciam eram piadinhas, chamavam de burrinhos, destratando, mangava da aparência do aluno com deficiência, era uma série de coisas, eles não têm dó não, eles são crianças e pré-adolescentes, quando são maiores já tem um maior entendimento. Nós conversamos sobre o filme, chamamos as mães, não zerou essas atitudes mas amenizou bastante (PG, 2022).

[...] nós temos feito um trabalho de desconstrução dessas atitudes preconceituosas, mas é um trabalho de formiguinha eu diria, ou aquele trabalho semelhante ao beija-flor que tentou apagar um incêndio, mas trazendo para o cotidiano, se cada um pudesse fazer a sua parte, né? A gente estaria vivendo em um mundo muito melhor, não veríamos tanta gente sofrendo por causa de atitudes nocivas a essas pessoas. Temos buscado e vamos continuar buscando para ver se a gente consegue minimizar, acho que não vamos conseguir eliminar todas elas né? Mas a gente pode minimizar (PAEE, 2022).

Observamos que ainda existem inúmeras barreiras que impedem a efetivação da educação inclusiva. É preciso mais do que uma escola adaptada de forma física e arquitetônica, é necessário investir em pessoas, toda comunidade escolar, diretor, coordenador, professor, estudantes, funcionários em geral, precisam cumprir o seu papel enquanto cidadãos que respeitam as diferenças e a singularidade de cada um.

Considerações finais

É necessário que a escola proporcione ao professor formação continuada, cursos e palestras para toda comunidade escolar, incluindo estudantes, funcionários e familiares. É preciso apresentar novos caminhos através do conhecimento para que todos sejam conscientes de que todo estudante é capaz de aprender e cabe ao professor promover esse acesso, flexibilizando o objetivo e adaptando seus instrumentos e metodologias para atender seus educandos com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais.

A educação inclusiva se constitui enquanto processo. Estamos caminhando nessa perspectiva, porém ainda encontramos diversos desafios que nos impede de avançar. É preciso desconstruir concepções preconceituosas que estão enraizadas em nossa cultura, adquirir novos conhecimentos, trabalhar a conscientização dos sujeitos e romper com qualquer tipo de barreira.

Créditos

Raimunda Aurilia Ferreira de Sousa: Supervisão e redação – revisão e edição

Kalene Carla Ferreira Lopes: Conceitualização, administração do projeto e investigação

Referências

Brasil. (2015). Lei n. 13.146, de 6 de jul. De 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm

Callai, H. C. (2005). Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Cadernos CEDES*, 25(66), 227-247. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000200006>

Carrieri, S., & Garcia, F. (2016). Intervenções pedagógicas frente às necessidades educacionais especiais no ensino regular. In: Nogueira, R. E. (Ed.), *Geografia e inclusão escolar: Teoria e práticas* (pp. 29-52). Florianópolis: Edições do Bosque/CFH/UFSC.

Carvalho-Freitas, M. N. et al. (2015). Análise da disposição de alunos de licenciatura para o trabalho com a inclusão em escolas regulares. In: Carvalho-Freitas, M. N. de (Ed.), *Inclusão: possibilidades a partir da formação profissional*. Universidade Federal de São João del-Rei. UFSJ.

Custódio, G. A., & Régis, T. D. C. (2016). Recursos didáticos no processo de inclusão educacional nas aulas de Geografia. In: Nogueira, R. E. (Ed.), *Geografia e inclusão escolar: Teoria e práticas* (pp. 258-279). Florianópolis: Edições do Bosque/CFH/UFSC.

Foggetti, F. (2022). Barreiras de acessibilidade: o que é, quais são e como eliminá-las? ? <https://www.handtalk.me/br/blog/barreiras-para-a-acessibilidade/>

Lima, F. J. de, & Tavares, F. S. S. (2008). Barreiras atitudinais: obstáculos à pessoa com deficiência na escola. In Souza, O. S. H. (Ed.), *Itinerários da Inclusão Escolar: múltiplos olhares, saberes e práticas* (pp. 1-11). Porto Alegre: AGE.

Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5ª ed.). São Paulo: Atlas.

Melo, A. de Á., & Sampaio, A. C. F. (2007). Educação inclusiva e formação de professores de geografia: primeiras notas. *Caminhos de Geografia - Revista Online*, 8(24), 124-130. <https://doi.org/10.14393/RCG82415622>

Nuernberg, A. H., & Gesser, M. (2016). Barreiras atitudinais no contexto da inclusão escolar de estudantes com deficiências. In: Nogueira, R. E. (Ed.), *Geografia e inclusão escolar: Teoria e práticas* (pp. 13-28). Florianópolis: Edições do Bosque/CFH/UFSC.

Santiago, I. T. A. (2021). *A Geografia física crítica como estratégia pedagógica para inclusão escolar*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, Salvador.

Silva, L. G. dos S. (2022). *Currículo escolar na perspectiva da educação inclusiva*. Guia (Projeto Instrucional – Especialização em Educação Inclusiva). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal (RN).

